

Jovens leitores e suas práticas de leitura¹

Rozeli Frasca

Resumo: Estudo com foco na trajetória de leitura de alunos do Ensino Médio, de uma escola pública de São Paulo, indicados pelos professores por participarem ativamente das tarefas de leitura propostas na escola e serem assíduos frequentadores da biblioteca escolar. A pesquisa teve como objetivo compreender como os jovens adquiriram e mantiveram seus comportamentos de leitores. Para tal, foram gravados relatos dos participantes sobre suas histórias de leitura. A análise dos resultados apontou para a necessidade de ampliação das possibilidades de realização dessa e de outras práticas culturais, com a implementação de políticas públicas de incentivo à leitura, que sejam efetivamente voltadas à formação de comunidades de leitores.

Palavras-chave: Leitura, Formação de leitores, Histórias de leitura.

Abstract: The study was focused on the reading habits of some young students of a public high school in São Paulo, pointed by teachers based on the facts that they were very assiduous on proposed reading activities and a constant presence at the school's library. The research aimed to understand how those teenagers acquired and kept their reading habits. For that purpose, the

students told their readers history during recorded interviews. The analysis of the results brought to attention the need of expanding the possibilities of practicing this and other cultural activities, with the formulation of public policies promoting reading and the dissemination of communities of readers.

Keywords: Reading, Readers education, Reader history.

Introdução

A suposta tendência dos jovens de ler cada vez menos provoca algumas reflexões, especialmente se levarmos em consideração que o uso social da linguagem acontece frequentemente por meio da escrita, e, sendo assim, são indiscutíveis a necessidade e a importância da leitura.

Estão muito distantes os tempos em que o saber caminhava com a memória dos mais velhos e chegava até as pessoas por meio de relatos orais. Com o advento da escrita, a história humana começou uma nova etapa, o indivíduo e a sociedade passaram a se relacionar de forma diferente. Quando o papel passou a ser portador da memória social, foi possível à humanidade não só repensar os saberes produzidos, mas também fazê-los chegar até outras culturas e mesmo outras épocas, disponibilizando-os à interpretação e à avaliação de outras pessoas em outros momentos históricos e em diferentes sociedades e culturas diversas.

Num transporte rápido até a segunda metade do século XX e de lá até nossos dias, vemos as inovações tecnológicas transformando a linearidade dos livros em algo totalmente móvel e flexível, com inúmeras dimensões que se interligam e mesmo penetram-se entre si, abrindo novos espaços negociáveis e inacabados, por onde transita, às vezes, o imprevisível. As novas tecnologias de comunicação e informação vêm provocando, desde

então, significativas mudanças nos interesses e preocupações com o desenvolvimento da competência leitora, pois os conteúdos deixam de ser apenas registros em páginas de livros, e a escola, tradicionalmente portadora de saberes definidos e prontos, passa a ser considerada somente parte da contínua produção de conhecimentos e mediadora na construção de sentidos e novos discursos.

Há uma espécie de transição, em que mudanças profundas, possíveis consequências do desenvolvimento tecnológico, repercutem nos mais variados aspectos de nossa sociedade e cultura, trazendo implicações importantes para o papel que a escola deve desempenhar para atender às necessidades caracterizadas pela ruptura proveniente da largada em direção à escrita digital.

Promover a leitura, ao constituir-se um objetivo tanto da escola como da família e da sociedade como um todo, e não importa de que forma seja realizada, se digital ou através de outro meio, é um desafio, pois as práticas de leitura encerram múltiplos significados e abarcam uma incontável diversidade de aspectos. Ler é também reconhecer imagens, cenas, gestos e aprender a ler não passa apenas pela decodificação de sinais gráficos, mas pela automatização de todo o processo até atingir-se a habilidade de leitura fluída, com compreensão.

Ler é compreender e aí o desafio se apresenta claramente, qualquer que seja o suporte textual: o processo de leitura deve culminar com a construção de significado. O leitor se constitui após dominar desde os mecanismos básicos que permitem estabelecer correspondência entre grafemas e fonemas e reconhecer palavras, até ativar capacidades intelectuais mais complexas para construir hipóteses sobre o texto, fazer inferências e compreender as relações entre suas diferentes partes, construindo subjetivamente seu significado. Sem atribuir sentido ao texto, não há leitura.

O que cada leitor apreende e compreende do que lê depende de conhecimentos anteriores à leitura propriamente dita e resulta de contribuições pessoais ao significado. Cada interpretação é uma e única; jamais se repete. Os processos cognitivos

e perceptivos envolvidos encontram-se em constante atividade sob influência de diversos fatores que interferem no complexo movimento de leitura: desde a história das tradições culturais do grupo social a que pertence o leitor, ao nível de educação e às suas condições sociais e econômicas. É por meio da leitura, em interação com a língua escrita, que o leitor reelabora o que o autor escreveu, de acordo com sua percepção e compreensão, numa operação intelectual que não exclui propósitos nem envolvimento emocional.

O texto original é um, mas o leitor ao lê-lo cria outros, interpreta, modifica seu sentido, ativa sua imaginação, mistura suas expectativas às do autor. O leitor transforma-se a cada leitura. Há uma relação que se estabelece via texto, em que o leitor, ao compreender o que lê, adequa suas concepções às que o autor apresenta, modificando ou ampliando conhecimentos que cada vez mais provocam transformações em sua percepção.

A leitura pode levar à mudança de práticas do indivíduo à medida que o leitor, ao atribuir sentido ao texto, passa a lidar com o que está além das aparências. Pode recriar-se até mesmo como sujeito e se superar ao compreender as inúmeras possibilidades de interpretação dos discursos. O ato de ler, dinâmico e construído no cenário social, pode desencadear processos cognitivos como pensar, imaginar, lembrar, o que colabora para novas oportunidades de conhecer e se relacionar com o mundo.

As habilidades cognitivas necessárias às práticas de leitura precisam ser objeto de ensino e a formação de leitores deve constituir-se em preocupação por parte da escola, que tem de criar condições favoráveis para a aprendizagem. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 71):

Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura.

Ainda, segundo os PCN (1998, p.72):

A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, para a aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura.

A leitura é fundamentalmente uma prática social e pode ser observada nos diferentes contextos em que os indivíduos circulam na sociedade, na família, na escola, no trabalho, no lazer. Conforme Silva (1993, p. 46-47):

Todo ser humano normal possui um potencial biopsíquico para atribuir significados às coisas e aos diferentes códigos (verbais e não verbais) que servem para expressar ou simbolizar o mundo. Esse potencial é desenvolvido no seio do grupo social através de práticas coletivas específicas e dentro de condições concretas que estabelecem a sua possibilidade.

No Ensino Médio, segundo as Orientações Curriculares (MEC, 2006), propõe-se a ampliação e a consolidação dos conhecimentos para que o jovem possa ser capaz de desenvolver práticas letradas prestigiadas em nossa sociedade. Incluem-se aqui as práticas que levam à formação humanista e crítica do sujeito, para que se sinta estimulado a pensar sobre o mundo e os indivíduos, em contato com as múltiplas formas de expressão e manifestação das linguagens e a partir daí criar seu próprio discurso.

As diferenças sociais, econômicas e culturais interferem nas condições de leitura e os diversos estímulos socioculturais para as práticas de leitura também podem ser decorrentes das oportunidades de educação.

Vale ressaltar a importância da presença da Literatura no currículo do Ensino Médio, desde outros tempos, considerada sinal de cultura no modelo de formação humanista e entendida, aqui, como arte construída com palavras. Como arte, portanto, é meio de humanização e colabora para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia intelectual. Daí a relevância do contato efetivo com o texto literário para permitir acesso à

experiência dessa prática e desenvolver a capacidade de se apropriar e usufruir dessa forma de manifestação cultural.

Para Zilberman (2005), a existência de uma sociedade leitora ocorre a partir da valorização da educação como critério para ingresso e participação do indivíduo na sociedade, sendo a escrita considerada um bem, “[...] propriedade que atesta a existência de outras propriedades”. Para a sociedade capitalista, a impressão de textos escritos é também um negócio lucrativo. Assim, a leitura deve ser valorizada por distinguir o homem letrado e culto do analfabeto e ignorante; o ato de ler, por sua vez, é um ideal a ser atingido por aquele que pretende fazer parte do mundo civilizado. Nesse caso, leitores não são apenas considerados importantes membros da sociedade, mas também consumidores de obras escritas.

Segundo Soares (1995), os contextos sociais fazem com que a leitura exerça diferentes papéis nas vidas das pessoas. As necessidades de leitura divergem de acordo com as diferentes posições sociais, pois são vários os fatores que podem determinar a natureza das práticas, como sexo, idade, ocupação ou profissão, estilo de vida, ambiente urbano ou rural, bem como os objetivos que concorrem para o estabelecimento dessas práticas.

Ao considerarem-se as relações existentes entre as práticas de leitura e as demandas sociais, é facilmente identificável a importância da competência leitora nos diversos processos interativos que se repetem cotidianamente em nosso meio.

De acordo com Freire (1989), trata-se de valorizar o leitor como indivíduo que utiliza a leitura como instrumento capaz de torná-lo consciente da realidade em que vive e participar de sua modificação, uma vez ativo num determinado contexto histórico e social, competente para agir sobre e com o que lê. Tanto quanto outras práticas, a leitura pode reproduzir modelos sociais, sedimentando formas de pensar o mundo, ou contribuir para a mobilização social em direção à transformação.

Conforme Chartier (1995), essas transformações estendem-se do campo psicológico ao gestual, corporal e comportamental. Porém, tanto a liberdade de criação como de apropriação do

texto pelo leitor tem suas limitações flexibilizadas pelas condições sócio-históricas e pelas oportunidades aproveitadas de transgredir e vencer restrições.

Para Levy (2001), a competência do leitor é que lhe permite selecionar contextos e circunstâncias e fazer inferências relacionando conceitos formados em suas experiências como membro de um grupo sociocultural e também construídos na leitura de vários textos. Essa é a competência intertextual. Se ampliamos nossos conhecimentos pelo contato com as produções culturais e sociais, por meio da leitura, podemos consolidar e aumentar constantemente a abrangência das aprendizagens necessárias para uma participação ativa e produtiva na sociedade.

Entendemos que ler é uma atividade complexa, que envolve o pensamento em constante movimento, para permitir a percepção das múltiplas possibilidades de relações entre o texto e o contexto, quer seja do leitor quer seja do autor.

Para Vygotsky (1989), o pensamento e a linguagem estão sempre associados. O indivíduo pensa por meio de linguagens e os textos que produz são expressões do seu pensamento, qualquer que seja a situação comunicativa e a forma como aparecem: escrita, oral, uma foto, uma pintura, uma escultura, uma música, uma expressão matemática, uma sinalização de trânsito, por exemplo.

É na atividade entre indivíduos que aprendemos e ensinamos, construímos conhecimentos, em situações de comunicação em que os pensamentos são concretizados por meio das diferentes linguagens. Portanto, as ações que ocorrem na escola, entre alunos, entre alunos e professores, bem como entre todos os que nela atuam, podem produzir experiências socioculturais que promovam o desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

Na escola, o texto, tratando-se aqui especificamente da unidade linguística, além de ser um instrumento de comunicação nas práticas sociais, passa a ser objeto de ensino e de aprendizagem. As situações escolares são oportunidades de produção e de recepção de textos, que podem multiplicar-se de forma eficiente, desde que haja condições e disposição para tal.

Em muitos casos, os alunos não têm fácil acesso ao mundo da escrita em seu meio familiar e social, cabendo à escola a necessidade de organizar procedimentos que permitam desenvolver projetos que tenham como foco as práticas de leitura, inclusive envolvendo toda a comunidade e transformando-a em parceira nessa tarefa.

O desafio que se apresenta é imenso, pois, muitas vezes, é preciso criar contingências adequadas para que haja a percepção de que tais práticas culturais existem e, além disso, podem significar mais e melhor participação produtiva dos indivíduos nas diversas atividades humanas: políticas, econômicas, sociais e culturais.

Conforme Foucambert (1994, p. 139): “Não há nada que permita aprender a ler onde a vida impõe que não existe nada para compreender ou transformar.”

A pesquisa

O envolvimento com a formação de leitores e a busca pela socialização das práticas de leitura propiciam considerar a necessidade de levar em conta as histórias individuais de interação com o mundo, em especial a relação de cada um com os processos de ensino e aprendizagem, pois o comportamento verificado no presente é resultado de vários fatores, determinantes orgânicos e ambientais.

Em momentos de formação, durante depoimentos de professores sobre o que pensam a respeito de seus alunos e suas práticas de leitura, é comum ouvir-se a afirmação de que estes parecem gostar de ler quando ainda nas primeiras séries escolares; com o passar do tempo, vão surgindo outros interesses, tanto no que se refere às práticas dentro, como fora da escola. Quando chegam à adolescência, o *gosto* pela leitura diminui muito, pois os jovens não querem *perder tempo* lendo.

Essas generalizações fazem parte de um discurso bastante comum entre alguns educadores. Há, no entanto, professores que

reconhecem alunos leitores e com eles dizem compartilhar experiências de leitura. Para compreender como esse comportamento havia se instalado em jovens leitores e como eles o mantinham, nosso estudo buscou investigar as práticas de leitura de alunos do Ensino Médio, para conhecer e compreender tanto a trajetória de leitura de cada sujeito participante da pesquisa, como o processo de construção e manutenção dessa prática, considerando os aspectos cognitivos e afetivos que o constituem.

Atendendo à solicitação da pesquisadora para que indicassem leitores assíduos das terceiras séries do Ensino Médio, as duas professoras de Língua Portuguesa contatadas e a funcionária que atuava na biblioteca de uma escola da rede pública estadual de São Paulo indicaram alunos, todos do período da manhã, por serem por elas considerados os frequentadores mais assíduos da biblioteca e participantes ativos das atividades de leitura propostas pelos professores. Eram alunos que se dirigiam à biblioteca com regularidade para tomar livros emprestados, sem se limitarem àqueles de leitura obrigatória para a realização das tarefas escolares.

Foram gravados, individualmente, depoimentos sobre as histórias de leitores de 11 alunos, com idades entre 17 e 18 anos, tendo em média 12 anos de escolaridade, sendo as falas individuais posteriormente transcritas para formarem a base das informações, articuladas às outras obtidas com as respostas a algumas poucas questões diretas, que compuseram um questionário, com nome, idade, tempo de escolarização considerando o período de pré-escola e/ou educação infantil. Além disso, atribuíram pontos de 1 a 5 a atividades de sua preferência para as horas vagas, sendo 5 a maior pontuação, a qual poderia ser repetida a mais de uma atividade, se fosse o caso. As atividades consideradas eram: ir ao cinema, ouvir música, assistir à TV, ler e praticar esportes.

Os relatos tiveram seu início marcado basicamente por duas questões que buscavam respostas para o que se pretendia compreender: como cada um havia tido seu primeiro contato com a leitura e como vinha mantendo esse comportamento desde então.

Os aspectos norteadores da análise do material resultante das informações colhidas foram levantados a partir da leitura de depoimentos de leitores declaradamente apaixonados por livros e leituras, que também são autores consagrados e por sugestão da Prof^a Marisa Lajolo. Seus relatos traziam a memória de fatos ocorridos por ocasião do momento em que eles afirmavam ter estabelecido os primeiros contatos com o mundo dos livros.

Alguns eventos presentes naquelas histórias de leitura chamaram a atenção para pontos importantes que poderiam ser buscados também e estudados, nos depoimentos dos alunos leitores. Assim, procuramos manter o foco nos seguintes pontos, que se constituíram a base da investigação e da busca por respostas ao questionamento proposto na pesquisa:

1. Início: os primeiros contatos com a leitura.
2. Os motivos para a leitura.
3. O acesso e o incentivo à leitura.
4. O que leem e por quê?
5. Para que leem?

A busca por compreender a trajetória dos jovens leitores pesquisados, com base no que eles mesmos disseram sobre esse processo, passou por reflexões sobre a adolescência, sem considerá-la como consequência de um desenvolvimento natural, mas entendendo que é a partir do contato do indivíduo com os diversos instrumentos culturais, consideradas as diferenças sociais que determinam o acesso a esses instrumentos, que este se constitui em sua subjetividade.

Os temas recorrentes foram os primeiros aspectos notados na transcrição literal das histórias de leitura. No entanto, os sucessivos contatos com o material sinalizaram a necessidade de uma sistematização das informações, que permitisse refletir e compreender criticamente as razões pelas quais determinados temas às vezes não eram citados como o papel da escola ou de algum professor ao incentivar as práticas de leitura, ou estabelecer condições para sua realização, ou por que razão, outros vinham à tona, como ler para sair da realidade.

Foi preciso buscar essencialmente entender não apenas o que os alunos estavam querendo dizer, mas principalmente o que poderia estar por trás das falas e em que bases seus discursos eram construídos.

Início: os primeiros contatos com os livros e a leitura

Recorrente entre aqueles que mencionaram o ambiente escolar em seus primeiros contatos com os livros, o fato de que a escola possuía sala de leitura ou biblioteca foi o que, de certo modo, acabou por entusiasamá-los, pois o acesso aos livros estava garantido e incentivado por ações desenvolvidas por profissionais, ao que tudo indica, voltados à formação de leitores.

Falaram com entusiasmo sobre os momentos em que frequentavam os espaços planejados e organizados pela escola para que acontecesse o contato não apenas com os livros, mas com o desconhecido que podia estar contido nas histórias lidas ou contadas pelas professoras que ali estavam para formar leitores. É interessante observar que essa figura que contava histórias ou lia para a turma não era a professora da classe, mas sim, alguém que havia sido preparado para essa função e que se organizava para realizar as atividades na sala de leitura e/ou na biblioteca, conforme os depoimentos.

Nenhum deles mencionou qualquer tentativa de aproximação entre escola, biblioteca e comunidade e/ou família para socialização do acesso à leitura. As atividades a que se referiram no ambiente escolar, ainda que na sala de leitura ou na biblioteca, eram sempre realizadas para e/ou pelos alunos.

É importante registrar que dos 11 entrevistados, apenas 3 citaram o ambiente familiar como o início de suas histórias de leitores.

Quando se reflete sobre o modo como os jovens pesquisados adquiriram seus comportamentos de leitores, uma questão

deve ser destacada, dada a sua importância. É preciso chamar a atenção para as instituições que de alguma forma estão sempre relacionadas ao processo de formação de leitores: família, escola, biblioteca, ônibus-biblioteca, sala de leitura, editora, livraria, por exemplo, e as necessidades e orientações que determinam as práticas nelas socializadas. Nesse sentido, é preciso verificar também qual é a distância existente entre essas instituições e a cultura dos livros e da língua escrita e em que condições os caminhos poderiam ser mais facilmente percorridos.

Os espaços de leitura são também espaços de expressão, se partirmos do pressuposto de que as relações com a linguagem e suas significações, que aí se estabelecem, são possibilidades de atuação efetiva e recriação dessas significações, desde que haja condições para isso.

Sempre que o espaço familiar não demonstrar intimidade com a cultura escrita, caberá à escola a tarefa de criar situações para aproximar os alunos e, por que não, também a comunidade escolar, da cultura letrada, articulando contatos e ações com mediadores preparados que já experimentem eles próprios, a condição de leitores.

Os motivos para a leitura

A atividade de leitura, como outras atividades humanas, é sempre eliciada por algum motivo. Observando-se nos relatos, o que foi dito a respeito dos estímulos para leitura, notamos que a necessidade de experimentar emoções e desejos eram fatores que motivavam os sujeitos a ler.

É importante lembrar que as necessidades são produzidas nas relações sociais, num determinado contexto cultural, e, dessa forma, os aspectos socioculturais estão presentes na subjetividade de cada um.

Por meio da leitura, essas pessoas deixavam-se levar pela fantasia de um mundo imaginário, onde tudo é possível. Aí

viviam situações, experimentavam sentimentos e emoções, nem sempre diferentes daquelas possíveis de serem vivenciadas no cotidiano. Graças à capacidade humana de viver em *outro mundo*, na imaginação, é possível também criar e materializar ideias realizáveis apenas no âmbito da fantasia. Através da leitura, reconstruir a realidade a partir da fuga do mundo em que vivemos.

Nesse espaço de ficção, muitas relações são estabelecidas, pois, ao transpor as fronteiras do real para o imaginário, o leitor não só vive situações próprias de um mundo irreal, sem qualquer vínculo com seu cotidiano, como também pode experimentar sensações segundo sua conveniência, afinal, no momento da leitura, tudo se passa apenas em sua mente.

É possível também que a entrega à fantasia não signifique fuga ou escapismo, mas sim uma maneira de buscar novas formas de se relacionar com as questões humanas, de procurar soluções para problemas que precisam ser enfrentados no mundo real, ao testar modos de pensar e agir na ficção, com toda a privacidade do universo interior.

O processo de interação entre o leitor e o texto provoca a sensação de participar de situações alheias, enfrentar medos, desejos e conflitos, sem correr riscos de sofrer danos. É uma forma de suprir a necessidade de conviver com o outro e estar certo de que é possível entrar e sair das situações de acordo com a própria vontade, pois, afinal, estão sob o controle da imaginação.

A percepção permite ao leitor experimentar sensações e ideias, como se fossem suas, porém sabendo que não são. Isto proporciona à atividade do leitor um papel criativo e lhe oferece novas e variadas possibilidades de desenvolver sua subjetividade, de forma única e singular. Ao mesmo tempo em que desvenda seus próprios mistérios, o leitor descobre o mundo também.

O incentivo e o acesso à leitura

As falas dos entrevistados, em relação aos contextos de socialização de leitura, no decorrer de suas trajetórias, situavam-se na família, em casa, na escola e especialmente entre seus pares. Foram recorrentes as afirmações de que costumavam trocar livros e conversar com amigos ou colegas da escola sobre suas leituras.

Todos os relatos a respeito das trocas de experiências revelaram formas espontâneas de compartilhar leituras. Não houve referência à participação em situações organizadas ou preparadas por profissionais da leitura, para troca de ideias ou impressões entre pessoas que, por exemplo, leram o mesmo livro.

As conversas sobre livros podem ser formas de ampliar o sentimento de pertencer a um grupo, de abertura para o outro, para o novo. Ao compartilhar experiências vividas por meio da leitura, é possível sair do isolamento, construir relações e fazer circular ideias e emoções. As trocas espontâneas são louváveis; no entanto, a probabilidade de serem menos abrangentes também existe. Quando encorajadas por alguém que se mobilizou para isso e, por exemplo, organizou um debate ou uma roda de leitura, existe a possibilidade efetiva de construção coletiva de cumplicidade e de pertencimento, o que pode contribuir para ampliar ou recriar expectativas individuais e sociais.

As oportunidades de manifestar opinião, ou mesmo de contrapor ideias ou sensações sobre este ou aquele livro lido, não se apresentaram de forma a favorecer o debate em âmbito coletivo para mobilizar atitudes socializantes, mas sim em caráter espontâneo e apenas particular.

Quando se referiram aos momentos em que conversavam sobre suas leituras, foi possível observar que isso acontecia entre duas ou três pessoas, do círculo familiar ou de amizade, o que limita e minimiza o alcance das reflexões ou das propostas de possíveis transformações individuais ou sociais.

Muitas vezes, revelar suas impressões para o outro amplia a abrangência das discussões e a leitura passa do particular, ou seja,

de um mundo secreto não compartilhado, por lazer ou distração, para um universo construído coletivamente, em que novos caminhos se apresentam e é possível distinguir certos aspectos a partir de diferentes ângulos ou até mesmo descobrir e articular fatos até então inusitados.

Ao se referirem às idas às bibliotecas para tomar livros emprestados, os participantes não mencionaram nenhum tipo de programa ou campanha de incentivo à leitura que estivesse acontecendo e que pudesse estimulá-los ou mesmo buscasse novos adeptos para essa prática. A impressão que deixaram em seus depoimentos foi a de que as bibliotecas ficavam apenas esperando que os leitores se apresentassem e fizessem uso dos materiais lá disponíveis. Não citaram, em nenhum momento, a existência de algum espaço em que pudessem expressar ou fazer intercâmbio de ideias ou sensações sobre suas leituras.

O que leem e por quê?

É sabido que cada situação concreta de leitura é determinada pelas relações que o sujeito estabelece com a atividade em si, em conjunto com suas experiências pessoais e o contexto social em que se desenvolve. Para compreender as trajetórias dos jovens leitores neste estudo, foi preciso buscar distanciar-se da expectativa de encontrar modelos de leitores, com certas características traçadas tradicionalmente pelas heranças culturais, que valorizavam e difundiam a leitura dos cânones literários.

Desta feita, o ato de ler não está reduzido à leitura literária, o que também poderia significar uma certa limitação ao conceito de leitura. Ao falarem de suas preferências, foi recorrente a declaração de interesse especial por histórias de suspense, investigação e mistério. Falaram da leitura como uma atividade de lazer. E o que é que as pessoas, em geral, procuram no lazer? Se é óbvio que as atividades de lazer ocorrem no tempo livre do indivíduo, em nossa sociedade, esse é o momento em que o sujeito pode se sentir liberado das restrições

sociais e mesmo individuais. Por uma questão de opção, pode ter o desejo, de, por meio da leitura, experimentar emoções, sentir medo, prazer, tristeza ou alegria. São sensações relacionadas à vida no cotidiano, mas que, por ocorrerem na imaginação, não oferecem os riscos nem os perigos da vida real. No entanto, é preciso considerar o universo de escolhas em que essa opção se dá.

Está claro que os produtores ligados ao mercado livreiro perceberam prontamente a possibilidade de atingir um número cada vez maior de leitores ávidos por histórias carregadas de apelos emotivos. As estratégias para alcançar esses leitores são bem observáveis. Há um fator que de certa forma condiciona o imaginário dos leitores a respeito da leitura: o modo como acontece a propaganda dos livros com sucessos de vendas e campeões de leitura. A massificação de valores e referências pela indústria cultural apresenta-se em resultados concretos nas falas dos jovens que participaram deste trabalho.

Há um conjunto de possibilidades determinadas pelo universo social, cultural e econômico em que o jovem se constitui, que condiciona seus gostos e escolhas, a partir de situações materiais que não se restringem apenas ao campo individual. As práticas culturais, que se concretizam em sua vida, resultam de relações produzidas no âmbito dessas possibilidades.

Havia uma barreira clara entre o que eles disseram gostar de ler e aquilo que a escola pedia que fosse lido. As necessidades detectadas pela escola ficaram muito além dos desejos pessoais dos alunos entrevistados. Isso é bem perceptível quando disseram que os professores *mandam ler* literatura. *Se ler literatura* não fazia parte das práticas culturais observadas pelos jovens em seu cotidiano nem há referência, em suas falas, a algum tipo de trabalho realizado na escola ou na comunidade que tratasse de disseminar essa atividade, a motivação ficou restrita ao interesse ou não dos alunos e, portanto, a probabilidade de que se realizasse efetivamente era rara.

Esses mesmos alunos, quando se referiram aos primeiros contatos com a literatura infantil, no início da vida escolar, lembraram da afetividade que estava associada às atividades de

leitura realizadas na escola e da satisfação e do entretenimento que compartilhavam nos ambientes de leitura.

Já no final do Ensino Médio, as atividades de leitura propostas pela escola, aos olhos desses alunos, estavam transformadas em algo absolutamente desagradável, a ser feito por imposição, sem considerar desejos pessoais, mas para atender às demandas do vestibular que se aproximava na época, ou para se submeterem a uma prova sobre a leitura, valendo nota.

A linguagem literária, apontada como difícil por eles, parecia não ser atraente. Notamos, sem dúvida, um espaço vazio entre o processo de formação de leitores que apenas foi iniciado na infância, nos primeiros anos de escolarização, e que depois ficou determinado pela vontade ou desejo de cada um, a partir de suas condições concretas de sociabilidade.

Não devemos deixar de mencionar que gostos e preferências, como produtos de relações sociais condicionados à forma como essas relações estão articuladas e acontecem, levam à reflexão sobre o fato de que gostar de fazer algo, indica não só o que queremos fazer, mas o que nos foi ensinado a fazer. Incluímos aqui, aquilo que é valorizado pela família, pelos amigos, pares e por figuras de destaque na sociedade em que se desenvolve, componentes do universo de representações construídas pelo indivíduo.

Para que leem

De acordo com seus relatos, a despeito de terem na leitura uma atividade que lhes permite experimentar de modo particular e único o que existe em sua intimidade, os jovens desta pesquisa também disseram entender a leitura como uma espécie de ferramenta de acesso ao conhecimento e à sociabilidade.

Refletindo um pouco sobre o que liam e como justificavam essas leituras, é possível desenvolver algumas ideias relativas à finalidade dessa prática. Para que liam livros espíritas e de autoajuda, por exemplo?

Os registros de suas falas apontam sempre para uma necessidade de relacionar ou trazer as leituras para o âmbito de sua vida concreta e pessoal. A identificação com os textos lidos quase sempre se dá na dimensão emocional: o poder de evocar sentimentos, tristezas, mágoas, alegrias, angústias, descontentamentos.

Conforme eles mesmos disseram, nesses livros encontravam *respostas para suas dúvidas, caminhos a seguir, formas de se relacionar com as pessoas, ensinamentos para a vida*. É possível que na busca por certo bem-estar pessoal, procuravam modelos de comportamentos a seguir para que conseguissem atingir a felicidade, como se isso dependesse única e exclusivamente de iniciativas individuais, maximizando assim, a possibilidade de que cada um tem de atuar a favor de seu êxito no mundo. É um universo em que tudo pode se resolver de forma subjetiva.

A abordagem é sempre muito centrada na própria pessoa, como se estivesse encerrada nos assuntos do cotidiano, na vida comum; não há referência à dimensão estética, à leitura para fruição da arte das palavras. O interesse fica por conta da linguagem simples e da facilidade de identificação com o tema pela busca de respostas aos questionamentos individuais com respeito à existência humana e seus problemas cotidianos.

Para os jovens pesquisados, esse tipo de leitura podia substituir o relacionamento e o diálogo com o outro, que nem sempre está disponível. Especialmente, o outro mais experiente, com mais conhecimento sobre o controle dos sentimentos e as soluções para os diversos problemas existenciais. Para eles, seus autores preferidos exerciam esse papel, trazendo temáticas familiares, palavras e frases fáceis de serem entendidas, com respostas às suas questões mais íntimas e secretas.

Em momento algum, demonstraram poder manter qualquer distanciamento de suas escolhas de leitura, que lhes permitisse argumentar ou defender um posicionamento contrário ou diferente daquele presente nos livros que liam. A possibilidade de abertura para novos pontos de vista ou de reformulação de suas percepções só poderia ser produzida, à medida que pudessem

se expressar e interagir em ambientes com leitores experientes da literatura consagrada, ou em um campo de opções bem mais amplo do que aquele em que se desenvolviam.

Considerações finais

Os elementos destacados das histórias de leitura de jovens considerados bons leitores por seus professores contribuíram para esclarecer questões relevantes para a compreensão de suas trajetórias nas práticas de leitura. Os resultados podem não ser considerados surpreendentes, mas são bastante reveladores.

Um dos desafios foi não considerar a leitura como apenas um conjunto de habilidades abstratas e independentes da constituição histórica e social do indivíduo. A ideia foi, desde o princípio, registrar e analisar as histórias de leitura, por meio das falas, do ponto de vista de que o ato de ler pode ter um caráter emancipador e capaz de transformar aquele que lê e o mundo em que ele vive.

É necessário, inicialmente, chamar a atenção para a importância da escola e dos espaços de socialização das práticas de leitura, nela organizados por profissionais especialmente preparados para desenvolver atividades de incentivo a essa e outras práticas sociais. No caso específico dos participantes desta pesquisa, a escola, com a biblioteca escolar ou a sala de leitura e seus acervos, representou a mais fácil e possível forma de acesso ao material de leitura, especialmente por serem indivíduos oriundos de famílias e comunidades que não se dedicavam habitualmente a essa prática cultural.

Quando ainda eram crianças, o ato de ler era sempre compartilhado com professores ou com a família, portanto, realizado de forma coletiva. O interesse e o encantamento dos primeiros contatos com a leitura eram sempre mediados por um leitor mais experiente, geralmente a professora da sala de leitura, que deixava transparecer claramente sua paixão pelos livros e pela

leitura. Embora comprometida com o aspecto pedagógico de sua atividade profissional e familiarizada com as inúmeras e possíveis leituras, também não se furtava à fruição proporcionada pela arte da palavra. Pelos relatos, pela parceria adepta do prazer estético e do lazer intelectual que a leitura proporciona, principalmente quando se tratava do texto literário.

Salas de leitura e bibliotecas transformadas em espaços para socialização de leitura, atraindo a comunidade, privilegiando a reflexão e a expressão de opiniões sobre aquilo que foi lido, podem constituir-se numa forma de ampliar os vínculos sociais e compartilhar experiências. O exercício solitário e íntimo de transgressão que a leitura proporciona poderia desta maneira transformar-se, quando em contato com o relato de experiências alheias, numa abertura para novos caminhos em direção a descobertas de si mesmo, do outro e do mundo.

As referências históricas, culturais e sociais ampliam-se com o acesso a outros pontos de vista e isso pode resultar em mudanças, levando à diversificação, inclusive, das escolhas de leitura. Há leituras que apenas distraem quem lê, há outras que preparam o indivíduo para produzir cultura.

A análise permitiu verificar que a partir de um certo momento da escolarização desses jovens, a leitura na escola passou a ser apenas mais uma tarefa e, apesar de terem acesso aos livros, a abrangência de suas referências para a leitura, pela ausência de um trabalho efetivo voltado à formação de leitores, ficou restrita à sua formação inicial e às relações com os meios de comunicação de massas. Desta forma, o universo de opções para os jovens pesquisados ficou restrito e o acesso a outras práticas culturais, dificultado, como a leitura do texto literário, por exemplo.

O gosto pela literatura recomendada pela escola e cobrada nos vestibulares está diretamente relacionado à apreciação estética. Ser ou não leitor de obras literárias é consequência de uma escolha pessoal, porém sempre a partir das práticas sociais em que o indivíduo se constitui.

Conhecer as trajetórias desses leitores por suas histórias e experiências de leitura dentro e fora da escola, também colaborou para confirmar algo que já era de certo modo esperado: a formação do leitor acontece num processo ao longo da vida, é a construção de um conjunto de atitudes e interesses, nas relações com os livros e com outros leitores.

Dessa forma, o papel da escola e da biblioteca é de extrema importância, em especial onde há carência de livros em casa e da figura do adulto leitor, que não se apresenta habitualmente à criança, na convivência familiar. Essas instituições, quando empenhadas em socializar as práticas de leitura, podem promover o acesso aos livros e a ampliação dos horizontes de escolha, com um trabalho organizado e realizado para formar comunidades de leitores.

Os jovens também registraram em suas falas certo receio das leituras que julgavam difíceis. No entanto, o aparente desconforto causado pelo abalo aos conhecimentos históricos, culturais e linguísticos do leitor é apenas o início de sua trajetória como desbravador do que está no livro e, por consequência, de seu próprio repertório, cada vez mais enriquecido com as experiências de outras tantas leituras. É uma questão de aprendizagem e, nesta perspectiva, o leitor precisa ser preparado não só para descobrir o final de cada história, mas para vivê-la e aceitar as outras diversas possíveis leituras.

Não se trata apenas de formular críticas aos procedimentos escolares para formar leitores, muitas vezes circunscritos ao livro didático, pelos quais podem ter passado os jovens que participaram deste trabalho. Mas, sua preferência por *best-sellers* e livros de autoajuda revela, talvez, um aprisionamento em suas próprias rotinas de vida, sem abertura para outras possibilidades de produção humana, que não a da cultura para consumo das massas.

Referências

ASBAHR, Fátima da Silva. A Pesquisa sobre a Atividade Pedagógica: Contribuições da Teoria da Atividade. *Revista Brasileira de Educação*. n.29, p. 108-118, maio, jun/jul/ago 2005.

BRASIL. *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2002.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEB, 1998.

CHARTIER, Roger. *Cultura Popular: Revisitando um Conceito Historiográfico*. Estudos Históricos. vol.8, n.16, p. 179-192, 1995.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler em Três Artigos que se Complementam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Leitura Rarefeita: Leitura e Livro no Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

LEVY, Pierre. *Tecnologias Intelectuais e os Modos de Conhecer. Nós Somos Texto*. Primeira Versão. Universidade Federal de Rondônia (UFRO), Porto Velho: ano I, n. 44, setembro, p. 1-8, 2001.

PETTI, Michele. *Os Jovens e a Leitura: uma Nova Perspectiva*. Traduzido por Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Elementos da Pedagogia da Leitura*. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *Conferências sobre Leitura*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa. *A Família como um Locus Educacional: Perspectivas para um Trabalho Psicoeducacional*, Rev. bras. est. pedag., v. 81, n. 197 p. 14-25, jan/abr. 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. *A Leitura no Brasil: sua História e Instituições*. Ensaio, 2005. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html> Acesso em 30 de nov. 2009.

